

Quem é que recebe o senhor, naquela praia? E o índio. O que o índio traz na mão? O que o senhor branco traz na mão? O que aconteceu, então? O que não aconteceu? E que cidade é esta que os brancos construíram? Um poeta corre os olhos pela história. Outro poeta corre os olhos pela cidade.



INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data 44, 13, 88
cod. B2D00024

JEANNE LEÃO

ENTERREM MEU CORAÇÃO NO DELTA DO AMAZONAS

por paulo ramos

Quando o primeiro homem branco pôs as patas no litoral, recebeu das indiazinhas que se aproximaram rindo um carinhoso presente: um cocar de penas brancas. Meio envergonhados, eles também riram e logo retribuíram a oferta: um pesado **sombreiro negro**.

Presságio de maldições!

Tinham início as dolorosas relações entre índios e brancos, que ainda iam se prolongar por mais quatro séculos. Começavam alegremente mas terminariam mal. Dos cinco milhões de silvícolas que se calcula naquela época viviam entre o Oiapóque e o Chui, entre o rio Javari e o Cabo de Santo Agostinho, hoje restam pouco mais de duzentos mil indivíduos: na sua maioria desorientados, alquebrados, entorpecidos.

O GRANDE RIO

A Amazônia: ali, onde o mar já virou sertão - e o sertão um dia voltará a ser mar - ali se desenrolou a etapa mais dramática da destruição de um povo.

A imensidão e o vazio: o delta do Amazonas: foi a partir dali que um exército de seringueiros molambentos, em pleno século das luzes, se atirou sobre os índios com o objetivo claro de se apossar de mão de obra barata para alimentar o grande monstro industrial da borracha, que então iniciava sua escalada mundial.

O seringueiro sempre penetrou na mata virgem sem que o acompanhasse qualquer tipo de autoridade. Apenas seguia o curso dos grandes rios. E como as águas dos rios nunca passam duas vezes pelo mesmo local, apenas os igarapés solitários restam como testemunhas daquelas violências bestais: índios escravizados, homens, mulheres e crianças postos para trabalhar ou servir como objeto de prazer.

A terra em si pouco valia e a própria floresta era encarada como um obstáculo natural a vencer para se chegar à verdadeira riqueza: o pegajoso látex. O

que vale é o rio. O rio-mar. Quem domina o rio, domina tudo: a vida, o transporte, o comércio, as tribos. Os índios, quando bons canoeiros ainda eram poupados. Prisioneiros do rio, enquanto tinham força para remar e remar.

A decadência da economia extrativa salvaria muitas tribos por mais algumas décadas. Mas eles não perderiam por esperar. Logo a penetração das grandes boiadas irá afastá-los para sempre. Trata-se de uma lei implacável: onde entra o boi, sai o homem. As boiadas de zebus-nelores (o único bovino a suportar o pesado calor do trópico) logo começarão a entupir as estradas. A mata será derrubada para ceder lugar aos capins africanos. O boi branco e sagrado das várzeas lamacentas do Ganges torna-se o novo rei da Amazônia. Ele resiste a tudo: longas caminhadas, surtos de febre aftosa, carrapatos, vermes, bernes, águas salobras, porradas dos vaqueiros.

MASSACRES E RESISTÊNCIAS

A Nação Waiká foi a primeira a receber o impacto dos seringueiros e caucheiros. Sobre os Xirians caíram os abutres do ramo mercantil: mascates, comerciantes de armas e de cachaça. Os Guaharibos chegaram a ser proibidos de morar em malocas coletivas, a pretexto de que viviam em um «promiscuidade imoral». Destruídas as habitações que se constituíam na própria base de sua vida comunal primitiva - frágeis pilares de sua unidade e organização - a desintegração cultural foi imediata.

O massacre foi mais brutal nos vales dos rios Juruá e Purus, onde outrora se encontravam as maiores reservas de seringueiros do mundo. As Nações Pano e Aruak foram rapidamente dizimadas. Índios altivos, nossos antepassados, arrojavam a fronte ao pó diante da imensa superioridade do branco, de sua inteligência diabólica. Loucura e morte na vastidão das selvas!

O CICLO DA TERRA

No interior das grandes florestas o conquistador sabia que era imprescindível a utilização do trabalho braçal do índio, quer no transporte, quer no desmatamento. Mas nos vastos cerrados do centro-sul a presença do indígena tornava-se fisicamente indesejável. Tinham que ceder lugar às tropas de boi. Agora iriam entrar em cena a tenacidade e a dureza secular do boiadeiro. E se este elemento ainda não fosse suficiente para expulsar o índio, convocar-se-ia um especialista: o **bugreiro**, o matador de índios, o capanga de todas as tocais e traições, o aborto tardio do bandeirante predador, o deus do jaguncêdo.

UMALUTA SEM FIM

Houve resistência. Nos extensos vales do Tapajós e do Madeira os **Torá** e os **Mundukuru** se constituíram numa formidável barreira à penetração branca. Também o povo **Parintim** cobrou um alto preço (resgatado em sangue) pela borracha extraída para fabricar os pneus dos carros de luxo das putas da **Côte d'Azur** - ou dos carros de combate do **Montgomery** que iriam rolar pelas areias do **Ryff**.

Carijós, Xucurus, Potiguares: deles só resta a memória. Tântaram resistir até ao impossível, ora lutando bravamente, ora cedendo e até se aliando aos invasores para sobreviver. Contra a Nação **Timbira** travou-se uma luta prolongada, porque os índios se refugiavam nas serras gerais de onde raramente saíam para fustigar o inimigo. Quando se tornava difícil destruí-los pela guerra, procurava-se atraí-los para a periferia das povoações sórdidas - onde as doenças e o álcool se encarregariam do resto.

Algumas Nações foram jogadas contra outras, como os **Krahós**, que se especializaram em escravizar seus próprios irmãos para vendê-los aos brancos em troca de cachaça e sal.

Somente os mais aguerridos e alçados conseguiram sobreviver, como os **Gaviões**, que durante muito tempo se esconderam pelas margens do Tocantins.

No coração do planalto central a Nação **Karajá** foi muito judiada. E os poucos que restaram quase que se transformam em meros objetos de atração turística na Ilha do Bananal (onde possivelmente passariam a maior parte do tempo a sacudir a bunda para turista estrangeiro tirar retrato).

Os ingênuos **Xerentes** - que chegaram a transformar o barbudão **D. Pedro II** em seu deus - também desapareceram para sempre.

No coração do país ainda restam alguns **Kayapós** e **Xavantes**, que sobreviveram justamente por serem ferozes e arreios, durante muito tempo se escapando de qualquer contacto com o civilizado. E os **Bororos**, outrora notáveis por sua robustez física (como se percebe nos filmes da marcha do grande general **Rondon**) entraram em paulatino enfraquecimento e decadência.

CAVALEIROS E ASSOMBRAÇÕES

No vasto pantanal de Mato Grosso viviam os **Mbatá-Guaicurus**, os primei-

ros índios do continente sul-americano a utilizar cavalos selvagens como montaria. Seu campo de ação se tornou imenso. Desde as entradas da floresta amazônica dominavam tudo, até os contra-fortes dos Andes. Aliados aos canoieiros **Payaguás** se assenhorearam de um território tão vasto que as próprias autoridades ibéricas se viram obrigadas a assinar com eles diversos tratados de paz. Na Guerra do Paraguai chegaram a constituir batalhões independentes que lutaram ao lado dos brasileiros para impedir a penetração lopista na região ao norte do rio Apa. Pois destes altivos cavaleiros talvez não restem hoje mais do que algumas dezenas de indivíduos arrasados.

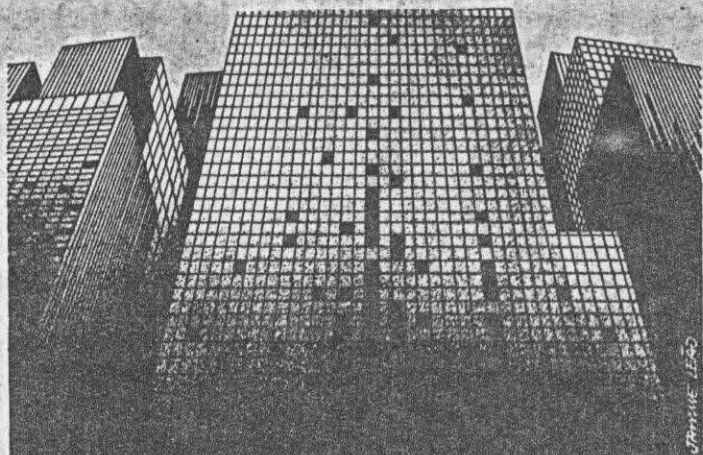
Tristes trópicos: **Kadivéus, Terenas, Guanás, Otis**: todos se acabaram. Alguns, tomados de impulsos místicos alucinatórios se suicidavam ou fugiam em direção ao mar, numa ânsia louca de liberdade. Outros terminaram mendigando à beira das estradas do progresso, como os **Botucudos, Maxacalls, Pataxós**.

Alguns, como os descendentes dos **Caingangues** e dos **Xoklengs**, no sul, se dividiram em pequenas tribos altamente belicosas, tentando se opor à penetração da colonada. Erro terrível: **bugreiros** profissionais foram contratados para exterminá-los até à morte, transformando-os em pouco mais do que arímais. Acossados de tal maneira os últimos remanescentes adotaram um comportamento de feras. Saíam apenas à noite e cercavam seus acampamentos com buracos camuflados cheios de estacas ponteadas. Quando prendiam um colono imediatamente esquarterjavam-no e até comiam sua carne. Tentavam matar antes de morrer. Terminaram estraçalhados. Considerado foras-da-lei, seu assassinato era bem visto. Ainda no final do século passado, a simples passagem de algum índio nuero por perto de um lugarejo do sul era suficiente para excitar o populacho. Homens, mulheres e até crianças se punham em seu enalço como cães de guerra. A memória de um **Sepé Tiaraju** ou de um **Miguel Uirabaru** há muito estava abandonada pelos novos donos da terra.

Dentre os poucos índios que restaram, espalhados pela vastidão do território, muitos perderam até mesmo a noção da realidade. E ainda acham que suas Nações um dia voltarão em toda glória e esplendor, renascendo das cinzas de **Kanê** e na vasta cabeleira de **Caro Sacalbu**, que voam - altaneiros e invisíveis - entre as nuvens do céu, de onde tudo observam através dos mil olhos dos caranchos de penacho branco. Lá nas alturas eles sentem apenas desprezo por aqueles homens pálidos, enfermiços e desfibrados, que um dia destruíram suas aldeias e povos. E esperam o momento de desabar sobre a terra - com fúria - como nas assombrações do **Boltatá** e do **Quer-que-É**.

Mas não tenhamos ilusões. Quem leu sobre o passado de nossos índios sabe que ele não mais voltará. Só nos resta pedir aos poderosos de hoje que tenham pena dessa gente que foi tão judiada. Eles estão no fim. Não merecem sofrer mais. Pelo amor de Deus.

Deixem que eles enterrem os seus corações no delta do Amazonas.



SÃO PAULO 77

domingos pellegrini jr.

«Destas cidades só restará
o vento que por elas passa»
(Brecht)

A cidade de São Paulo,
mapa furado por milhares de alifinetes,
verte água de esgoto pelos buracos
em cada rua, em cada calçada,
em cada boca-de-lobo, onde as baratas
espíam, quase fateriam com as antenas
tudo que um dia será delas, tudo
que rugir e reluz, tudo que trepida,
tudo que valoriza no coração de São Paulo
como o imenso coração de um chagásico
iludido pelos médicos.

mas desconfiado
de que bombeia sangue para a morte.

Tudo será das baratas, pré-históricas,
sobreviventes honorárias do capitalismo,
roedoras dos últimos planos
de engenharia & urbanismo,
de economia & cinema
com que tentam salvar esta cidade
como massagistas tropeçando em cadáveres,
arquitetos esculpindo torres e cornijas
no mausoléu que será das baratas.

Elas passearão pela Rio Branco
às quatro da tarde de sábado,
Lamberão uma poça de sorvete,
seca, no asfalto da Paulista.
E ainda haverá salames pendurados
como lonas fora do gancho nas padarias.

As baratas ouvirão o vento, ele
sempre existiu apesar dos motores
- e em alguns feriados mais comatosos
com atenção ainda se ouve o vento
como a respiração greta de um índio
morrendo de pneumonia numa tenda.

Curiosas como crianças,
as baratas subirão as rodas
e ocuparão os ônibus, os carros
e depois acharão o metrô, um bueiro
do tamanho, que nunca imaginaram
e nele instalarão seu paraíso
até a morte por superpopulação.

Então surgirão dos escombros
baratas novas e imunizadas
contra os desastres de São Paulo
Voltarão aos esgotos.

e a cidade
será dos ratos e dos jabotis
que sairão das águas muito claras
do Tietê, dez anos
depois de São Paulo ter parado.

